

NO MUNDO DA FICÇÃO

O DELFIM

romance de

JOSÉ CARDOSO PIRES

• Por SERAFIM FERREIRA

P

ERANTE um romance que não prende a nossa atenção, a cuja problemática humana não aderimos, a nossa posição é sempre de recusa imediata ou de desencanto até final da sua leitura. Duplo e perigoso esforço que com certeza nos faz esquecer certas «virtudes» que o mesmo romance possua; mas é esse também o caso dos leitores que incondicionalmente aderem a um romance, com todo o entusiasmo, esquecendo ou não tendo em conta por sua vez certos deslizes da sua construção literária.

O *Delfim* coloca-nos logo numa atmosfera geográfica e social a que não estamos habituados (se há limitação ou desfocagem nesta maneira de encarar o problema, *mea culpa...*), à qual não acedemos por temperamento, por timidez, por sermos certamente «subdesenvolvidos» de um ponto de vista moral... Agarrados a valores humanos ainda primários, em grau ainda de lenta evolução, enfim, por sermos «botas-de-elástico» em relação a certa literatura, não podemos deixar de ter em conta essa limitação na leitura de um romance como *O Delfim*, (1) que José Cardoso Pires acaba de publicar através de um lançamento editorial inteligente, bem comandado.

Porque à sagacidade e agilidade de contar uma história, de escrever bem, com todos os effes-e-erres, preteademos muitas vezes a verdade daquilo que se conta, sem artifícios, ou ardós literários, nós colocamos à frente de *O Delfim* muitas outras obras literárias da nossa moderna literatura. Saindo há pouco tempo, *O Delfim* teve já certas críticas que o classificam: uma, de ser Cardoso Pires um dos ficcionistas portugueses vivos que melhor escreve; outra, de ser *O Delfim* uma obra-prima ou um romance invulgar. Se a primeira afirmação tem certo fundo de verdade, a segunda peca por excesso de paixão ou de camaradagem. Considerar de caras *O Delfim* como uma obra-prima é não ter em conta o valor exacto das palavras ou o sentido que tal designação em si contém. Pela nossa parte, por não aderirmos à temática humana e à estética literária de Cardoso Pires, pensamos sempre que mais vale ler «em primeira mão» os autores com quem se identifica ou em cujas águas navega: Laclos, Stendhal, Hemingway e sobretudo Roger Vailland.

Fiel ao seu tema predilecto, o autor de *Jogos de Azar* pensou pôr em prática a teoria expressa, com originalidade, na *Cartilha do Marialva*. Assim, o romance nascce antes de estar concluído, a sua espontaneidade não surge, a sua linearidade descobre-se antes de atingirmos o termo da sua leitura. *O Delfim* resulta afinal como eco de outras vozes de verdadeiros criadores literários do nosso tempo. Sinal de inovação estética na ficção de Cardoso Pires? ou antes «pastiche» de outras vozes e de outros passos, disfarçada numa couraça de extracção nacional, portuguesa, pseudo-erudita, que se fundamenta numa falsa «monografia» da Gafeira? Labirintos cruzados de um universo romanesco que não chega a criarse ou fogoposto a uma estruturação de romance que permite malabarismos deste género?

Na pág. 107 de *O Delfim* diz-se que «nenhum escritor gosta de complicar seja o que for». Mas todo este romance desconcerta o leitor atento, cria nele uma disposição para recusar a própria história contada, porque todo o clima «suspensivo» da que se rodeia a ação do romance é feito de fragmentos, de anotações avulsas, de uma erudição que muitas vezes não entra a tempo. Dir-se-á que Cardoso Pires escreveu «com dificuldade» este livro, o preencheu demasiado com observações que não interessam muito e só perturbam o

José Cardoso Pires visto por Pomar



NO MUNDO DA FICCÃO

(Continuado da página anterior)

encadeamento do próprio romance, enfim, que complicou em excesso uma história que poderia narrar em muitas menos páginas.

Escritor «fragmentado», que com dificuldade encadeia os capítulos uns nos outros, Cardoso Pires não conseguiu, quanto a nós, estruturar ainda um verdadeiro romance: existem páginas e páginas onde apenas se vislumbra um discorrer desnecessário à natural narração da história, enchem-se páginas e páginas com descrições que não importam, que sómente perturbam o fio narrativo do livro, como se isso fosse mero propósito do autor. Terá sido? O que não resta dúvida é que quase sempre essas «paragens» ou «desvios» na ação do romance são simples anotações de um «discurso» romanesco que não parece ajudar o leitor na lógica compreensão da história.

Um livro dentro de outro livro ou o romance «de uma noite em branco». *O Delfim* retoma por outro caminho (ou talvez pelo mesmo) o tema do *Anjo Ancorado*, exactamente dez anos depois. Mas a nós pouco importa a maneira de ser «marialva» da dinastia dos Palma Bravo, porque a zona da sua dimensão humana nos escapa, nos não arrepia nem desassossegua. E um romance para o ser no bom sentido deve antes de mais perturbar ou desassossegar o leitor — este é que faz (ou não) a existência do próprio livro. Não é o coro unânime de elogiosas referências a este último romance de Cardoso Pires que impõe *O Delfim* como um bom romance; são os seus próprios leitores — eu, tu, nós todos, os que lemos e sabemos as razões por que aderimos ou recusamos certos livros. Que *O Delfim* não nos interessa, sabemo-lo pela sua leitura; que a escrita de Cardoso Pires em muitos aspectos nos agrada e satisfaz, sabemo-lo pela sua segurança e exactidão, mas que Cardoso Pires está longe de ser um «grande» escritor, mesmo à nossa escala portuguesa, sabemo-lo pelo tom pessoal dos seus livros. O escritor e o leitor habitam o mesmo reino: o da solidão, o do tempo, o da morte. Só quando o autor povoa esse reino e o leitor com ele.

É que a obra literária se afirma nos seus profundos limites. Disto não temos dúvida, disto fazemos a nossa «ábua de lei» na apreciação

ou adesão a qualquer livro. Por isso, gostamos mais de Eça do que Camilo, de Raul Brandão do que Aquilino, de Virgílio Ferreira do que Cardoso Pires; por isso, nos identificamos melhor com o universo romanesco de Dostoevski do que de Tolstoi, de Kafka do que de Hemingway, de Céline do que Aragon, de Sartre do que de Valland. É uma posição de leitor, sobretudo — não de crítico. A posição do leitor é infalível, porque obedece aos seus valores pessoais; a do crítico é falível, porque obedece aos valores dos outros antes de se subordinar aos seus próprios.

Mas fechemos esas considerações com as oportunas palavras de Claude Roy, que conferem certa verdade à nossa posição perante a leitura do último romance de Cardoso Pires: «*O mundo seria simples, e talvez fastidioso, se os homens de génio tivessem génio todos os dias, se os heróis fossem heróis ao longo das vinte e quatro horas, se o espírito não tivesse as suas contradições e o coração as suas intermitências.* (...) *O mundo seria simples se pudéssemos viver em face dos nossos contemporâneos como vivemos à distância de Esquilo, de Shakespeare e mesmo de Victor Hugo — à distância e por vezes muito mais perto deles do que daqueles que nos rodeiam e connosco coexistem nesta promiscuidade a que chamamos vida.*» (2)

(1) Edição de Livraria Morata, Lisboa — 1968.

(2) Claude Roy in «Défense de la littérature», col. «Idées», Ed. Gallimard, pág. 49-50.

